
CIDADE E CAMPO: CONTINUUM OU DESCONTINUIDADE

City and countryside: continuous or discontinuity

Ciudad y campo: continuo o discontinuo

Rosa Maria Vieira Medeiros*

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: rmvmedeiros@ufrgs.com

Conteúdo do artigo originalmente apresentado em palestra na Disciplina Seminário do POSGEO do
Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA
Versão online publicada em 24/11/2020 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

Esta palestra procura trazer diferentes posições frente às relações do campo com a cidade. De um lado há os que afirmam ocorrer uma fusão entre a cidade e o campo tanto técnica quanto demográfica, funcional e por vezes ideológicas; de outro lado, há aqueles que percebem o espaço rural transformado pela crescente influência da cidade, representada pela modernização, restando ao rural a condição de atraso, de deficiente. No entanto, um olhar mais aguçado mostra o campo com suas singularidades, sua resistência, seu sentimento de pertencimento, suas novas relações, seus novos usos, suas desigualdades, suas tensões, suas carências, sua importância enquanto espaço produtor de alimentos e por fim sua paisagem. É uma nova relação cidade-campo que se constrói gradativamente, são os novos moradores, os turistas e a agricultura desenvolvida de diferentes formas, mas, sobretudo a resistência da cultura do campo.

Palavras-chave: relação rural-urbano, continuum, descontinuidade.

Abstract

This lecture aims to bring different perspectives within country and city relations. On one hand there are those who states that there is a demographical, technical, functional and ideological fusion between them. On the other hand, there are those who understand that the countryside is transformed by the increasing influence of the city, represented by the sense of modernity, resting to the rural space the perceived condition of delay and insufficiency. However, a sharp eye may show the countryside with its singularities, it resistance, with a sense of belonging, its new relations, new uses, new inequalities, new tensions, its shortages and its importance as food producer and its landscapes. It's a new town and countryside relationship that it is built gradually based on its new inhabitants, tourists e its different ways of agricultural development, but, above all of these things, based on the countryside cultural resistance.

Keywords: urbab-rural relationship, continuous, discontinuity.

Resumen

Esta conferencia tiene por objetivo traer distintas perspectivas a cerca de la relacion ciudad y campo. De una parte estan aquellos que aseguran que existe una fusion demográfica, técnica, funcional y ideológica entre ellos. Por otro lado, estan aquellos que comprenden que el campo se transforma por la creciente influencia de la ciudad, representada por el sentido de modernidade, quedando para el área rural la percepcion de condicion de retraso y insuficiencia. Sin embargo, un ojo atento verá el campo con sus singularidades. Su resistencia, su gran sentido de pertenencia, sus nueva relaciones, nuevos usos, nuevas inequidades, nuevas tensiones, sus carências e su importancia como espacio de produccion de alimentos además de sus paisajes.

Es una nueva relacion ciudad-campo edificada gradualmente basado en sus nuevos pobladores, turistas, su agricultura desarrollada de distintas formas, pero, sobret odas las cosas, basado en la resistencia cultural del campo.

Palabras Clave: relacion rural-urbano, continuo, discontinuo.

O tema das relações Campo - Cidade foi renovado com dois grandes tipos de correntes nos países ocidentais. De um lado, certos pesquisadores que insistem na ideia de um continuum baseado na fusão da cidade com o campo, dominado tanto no plano técnico como demográfico, funcional e por vezes ideológico.

A esta oposição clássica se sobrepõem agora uma homogeneização dos espaços. A cidade espalha sua cultura, seus modos de vida, suas práticas, seus produtos de consumo, sua organização e sua forma de construção residencial.

Se fala muito da anexação e da “urbanização do campo”; o rural é no mínimo intersticial, residual, diante da modernização urbana que consome intensivamente o espaço. Se alguns destacam os gradientes socioeconômicos ou demográficos entre a cidade e o campo dito como profundo, os determinantes são claramente urbanos. Se procura saber, então, os pressupostos ideológicos subjacentes: enquanto o progresso e a modernização são a representação da cidade, para o rural resta o arcaico, o atraso de desenvolvimento e as deficiências múltiplas.

Por outro lado, alguns geógrafos reagem vigorosamente a esses pressupostos e destacam o significado e a importância das paisagens agrestes, da diversidade de práticas sociais, das variações de densidades, de categorias socioprofissionais, de atividades ou de usos. Por sua vez, Bernard Kayser destaca, sobretudo, a crescente força dos imaginários revalorizando o campo. Nos países em desenvolvimento, os pesquisadores põem igualmente a causa do corte cidade-campo mostrando a penetração de influências urbanas no mundo rural, ou seja, a cidade é agora a criadora do campo; e às vezes, ocorre a persistência do rural na cidade, através das práticas agrícolas demonstrando uma certa construção social.

De fato, depois de 20 anos, a interrogação sobre a crise e sobre o renascimento de um mundo rural, no qual os agricultores se tornaram ou foram tornados minorias, tornou-se o centro dos debates, enquanto isso a mundialização de trocas e a interdependência dos territórios foi crescendo cada vez mais.

Cabe ressaltar que a Geografia que pesquisa o campo é cada vez menos parecida com a Geografia dos sistemas e das estruturas agrárias e é cada vez mais uma abordagem complexa, global e multiescalar.

Então, que sentido dar a essas transformações do campo? Deve-se privilegiar uma leitura negativa do campo ou considerar as trajetórias variadas do desenvolvimento territorial? Os quadros de análises nem sempre estão claros, estão confusos. As funções não agrícolas, sobretudo residenciais se difundem no espaço. Por outro lado, as políticas agrícolas, por vezes, são mais discretas, se liberalizam com o desengajamento dos estados ou se ruralizam

como uma forma de promover a multifuncionalidade. No campo dos países tropicais também se percebe essa desconexão crescente entre agricultura e mundo rural, como mostram algumas pesquisas que tratam das mobilidades complexas dos rurais.

Paralelamente, o inverso do paradigma de uma Geografia que se tornou ciência da organização territorial das sociedades ou ciência da dimensão espacial do social, contribuiu para desafiar a existência de uma sociedade rural específica. Diante da diversificação de uso, das novas articulações entre lugares de residência e de trabalho, dos pertencimentos múltiplos, se deve agora pensar em termos de diálogo rural/urbano e não de uma forma dualista, mesmo se subsistam concepções antagonistas.

Este reforço de solidariedades é observado com maior evidência nos países mais pobres onde se associa nesta relação campo-cidade, que é crescente, o melhoramento dos meios de transporte, da circulação de capitais, das redes familiares ou inclusive das pequenas localidades e das atividades agrícolas e mercantis realizadas nas proximidades urbanas.

Com isso percebe-se uma valorização desse espaço periurbano que é considerado como o terceiro espaço, o lugar de interface, de transição que é marcado por importantes transformações socioeconômicas que permitem pensar, ver e repensar a cidade contemporânea.

O debate, então, está aberto sobre a fragilidade do rural frente a este “novo campo”; sobre os mecanismos e os processos de mobilidade que alimentam este novo rural; sobre as consequências ligadas às mudanças de uso, às modificações das construções ou às cobiças, aos conflitos no campo, às relações sociais e políticas.

Essa postura passa por toda a Geografia agrária e reforça a importância de tomar conta das estratégias de desenvolvimento do campo e dos recortes pertinentes ao planejamento que podem desencadear tipologias renovadas sobre coroas periurbanas, sobre os espaços de baixa densidade, sobre um rural frágil mas vivo, quer dizer, multifuncional e autônomo. Uma abordagem crítica revela e denuncia a reprodução das desigualdades sociais e econômicas, as tensões de classe e a luta pelos lugares.

Será o rural o espaço menos desenvolvido e o menos densamente equipado dos territórios nacionais? Muitos trabalhos discutem essas questões de acessibilidade ao transporte e serviços, por exemplo quanto aos serviços médicos e às escolas, enquanto outros se interessam por estudos de gênero destacando o lugar e o papel das mulheres no desenvolvimento dos espaços rurais.

Com as reformas e a evolução das políticas públicas destinadas ao campo busca-se saber:

- quais são os equipamentos de desenvolvimento?
- como adaptar a ação coletiva a diferentes escalas?
- como coordenar os diferentes atores?

Os comportamentos e a espera dos grupos sociais, cada vez mais diversificados, compostos por grupos de jovens rurais, pessoas idosas, pobres e

excluídos, pessoas doentes, estrangeiros e migrantes para trabalhar, são também contemplados. Enfim, dois grandes domínios clássicos são retomados:

1 - A questão agrária, através dos desafios das estruturas, tais como o crescimento generalizado das explorações, a evolução dos modos de explorar a terra, a multiplicação de formas societárias e de empresas de serviço, a pressão fundiária, as frentes pioneiras e as transmigrações para a expansão urbana. É importante dizer que as reformas agrárias foram praticamente abandonadas e que o modelo da grande exploração agroindustrial triunfa inserido de forma exacerbada na concorrência internacional. É a modernização conservadora denunciada por Jacques Chonchol. Na África, por exemplo, onde a terra começa a ser escassa, as reivindicações se multiplicam e chegam às vezes a conflitos entre agricultores e criadores de gado ou entre grupos étnicos. Outras mudanças suscitam numerosas pesquisas como, por exemplo, a transição da Rússia e do leste europeu para uma economia de mercado depois de 1991, mostrando as novas relações com a terra, a difícil reconstituição da propriedade privada camponesa e a diversidade de trajetórias de sistemas agrários, em função do lugar negociado com os antigos proprietários, com as novas cooperativas, com as sociedades anônimas e com as pequenas unidades familiares de retorno camponês. Na China e no Vietnã, a descoletivização passou pela distribuição de terras, por uma maior autonomia, mas também por um aumento das ilegalidades e das desigualdades.

2 - Os sistemas agrícolas e os modelos agrários, cuja temática se aprofundou nas definições dos arquétipos, tal como o modelo baseado nas explorações de tamanho médio intensivo e fortemente enquadradas no sistema cooperativo; ou ainda o modelo dos grandes domínios com um enquadramento assegurado pelas empresas privadas. As negociações da Organização Mundial do Comércio, as mudanças no campo na América do Norte e no Cone Sul, assim como nos “arquipélagos” do agronegócio mundial são abordadas com o objetivo de compreender o desenvolvimento das grandes cadeias agroindustriais ou até mesmo agroterciárias, tributárias das grandes empresas e das políticas públicas. Da mesma forma, o crescimento e o poder dos países emergentes, do Brasil à Índia e à China, provocam análises sobre a expansão dos produtos agrícolas, sobre a participação desigual dos mercados e das negociações internacionais, sobre as formas de transição alimentar, mas também sobre a multiplicação de fragmentações socioespaciais em diferentes escalas.

No entanto, as mudanças conceituais tomam diferentes caminhos. Assim, se pode chegar a desconstruir os discursos e a propor visões críticas sobre as motivações escondidas no direito de uma Geografia pós-moderna. Por exemplo, a questão alimentar é baseada nas relações das forças econômicas e políticas, nas lutas sociais e conflitos geopolíticos, na mundialização do comércio e na exploração abusiva de recursos.

Para diferentes pesquisadores a pobreza das populações e as deficiências de enquadramento sociopolíticos constituem as causas profundas da insegurança alimentar.

Diante das questões colocadas percebe-se que a definição de espaço rural tornou-se delicada, alimentando profundos debates entre pesquisadores que recusam perpetuar uma definição negativa para o rural, ou seja, de que tudo

o que não é urbano, é rural. Também resistem em ficar unicamente com critérios de densidade do espaço habitado ou dos tipos de ocupação de solo, ou ainda somente com abordagens de ordem sociológicas ou econômicas desconsiderando a complexidade das populações e de suas funções.

O território rural não se caracteriza somente pelas características físicas, base de sua expansão, mas também pelas técnicas e pelos modos de produção das populações que o exploram e pelos direitos de usos exclusivos que elas reivindicam. O território rural, se caracteriza também pelo seu grau de integração econômica e social no espaço e pela força dos sentimentos identitários e de apropriação que os habitantes alimentam em relação a ele. Na França, depois de 30 anos, este termo relacionado ao campo é de novo colocado em destaque, talvez porque ele tem uma menor cotação agrícola do que a palavra rural. A noção de ruralidade também se impõe como sinônimo de paisagem agreste, de natureza e de patrimônio, dentro de um amplo movimento de embelezamento do campo.

Mais precisamente, a ruralidade designa o conjunto de representações coletivas e de características que contribuem para uma forma de identidade e de funcionamento dos espaços rurais. Ela se insere na relação cidade-campo, com modificações recentes na percepção, nas práticas e na modalidade de governança desses espaços.

O termo ruralidade em sua forma clássica, indicava o “conjunto de valores, de cultura própria daquele meio rural” ou da “condição de camponês” em oposição à urbanidade que designava os tratados culturais positivos, ou seja, os usos políticos, cortesia, etc., que assegurava ser específico para os moradores da cidade. No entanto, a ruralidade quando vista de forma pejorativa, destaca a rusticidade e a falta de saber viver dos habitantes do campo. Mas, foi a partir dos anos 70, nos países ocidentais que se retoma a definição que valoriza a ruralidade. Essa definição traz sobretudo uma dimensão política e ideológica com uma tendência a idealizar a vida no campo, o ruralismo.

Mas, se pode falar de uma sociedade ou mesmo de uma realidade, especificadamente rural nos países ocidentais? Na concepção sociológica dos anos 70, as coletividades rurais eram opostas à sociedade urbana, porque no seu interconhecimento e na sua interdependência do grupo permanecia o fundamento de sua estrutura, o campo. Essas sociedades rurais estavam caracterizadas por uma forte relação de seu grupo com espaço local, com seu território.

O campo era o lugar das atividades agrícolas e artesanais realizadas pela população autônoma ligada ao seu território e ao grupo familiar. Mas, considerando as dinâmicas de abertura e de descompartimentação dos territórios, a sociedade do espaço rural é agora diversificada, cada vez menos agrícola, marcada pelas influências externas e integrada ao mundo da cidade. Keyser considera que ainda subsistem as relações originais com o ambiente nas comunidades que mantêm seus saberes, suas interrelações, sua cultura, suas tradições além de manter um forte controle social. Possuem, dessa forma uma ligação com a localidade onde vivem e onde exercem sua gestão política.

Mas a maioria dos autores concordam em dizer que o espaço rural conserva, sobretudo, especificidades pelas representações que ele suscita e

pelas fracas densidades de povoamento, que deixam espaços para as atividades agropastoris, para as paisagens abertas, para a vegetação original ou secundária e onde as construções são distantes umas das outras.

Mas como pensar o pertencimento local, a identidade rural, dentro de um contexto de mobilidade acentuada? Depois dos anos 80 se observa um processo do retorno ao lugar, de realocização da vida social, com uma nova atração migratória do campo que abre o caminho para a tese de um renascimento rural; o rural é então redescoberto, escolhido, porque permite reencontrar uma sociabilidade de proximidade e de interconhecimento, em oposição a relação anônima que predomina no urbano.

Os sentimentos de pertencimento ao rural podem ser consequência de uma escolha de vida, de um imaginário positivo, ou mesmo de uma decisão econômica. Pesquisadores construtivistas contestam a hipótese de uma superposição entre o espaço rural e a sociedade rural; alguns diferenciam assim as categorias dos sentidos - a urbanidade e a ruralidade - das realidades geográficas, ou seja, a cidade e o campo.

A urbanidade tornou-se um operador do funcionamento e da organização do espaço rural; a sociedade urbana global tem o direito de olhar e o de uso sobre estes espaços que aparentemente se tornaram públicos. Múltiplos atores revestem o campo de valores simbólicos, patrimoniais, ambientais e identitários, assim como de funções como a manutenção do espaço, as produções de terroir, a produção de alimentos de qualidade e a qualidade de vida residencial. Se associam assim, os modos de vida urbanos e os valores percebidos como rurais, tais como pertencimento local, qualidade de vida, convivialidade, tempo para si, além de ser possível até mesmo observar uma certa ruralização de partes deste espaço fragmentado e das sociedades urbanas que ali se instalam.

Isso pode visto de forma superficial pode provocar uma interpretação equivocada que estabelece relação de oposição campo X cidade, urbano X rural, que já perdeu sua relevância. Isto porque não existem dois mundos separados, há uma interpenetração espacial e idealizada na qual os limites se apagam, as transições se tornam cada vez mais complexas. É a imagem dos espaços desfocados, periurbanos ou às vezes urbanos, na sua relação com empregos e com modos de vida; espaços que são rurais pela sua paisagem, pelo uso agrícola e pela percepção de seus habitantes que consideram viver no rural.

Em alguns países, o espaço rural é também definido pelas relações funcionais que são estabelecidas com os espaços urbanos. A noção dessa nova ruralidade interessa à Geografia social, à sociologia, mas também às disciplinas que tocam a organização e o desenvolvimento dos territórios. Ela permite vislumbrar os conflitos e as dinâmicas inscritas no interior dessas novas relações cidade-campo, relativa às vezes, às transformações dos espaços, seus usos residenciais, recreativos e reprodutivos; são espaços vividos e de representações dos atores em razão de sua relação com a natureza, com o patrimônio, com as questões ecológicas; são também modos de governança que se desenvolvem.

A ruralidade não é um dado, é uma construção social do mundo que repousa sobre percepções e práticas crescentes para possibilitam a identificação e a interpretação do espaço vivido, tornando-se fundamental para a identificação

das mudanças que afetam a sociedade em sua totalidade.

O rural brasileiro é imbricado de ruralidades que dão novos significados ao campo, onde as relações não são apenas culturais, mas econômicas, sociais e políticas. Um exemplo de uma ruralidade onde as relações econômicas e políticas se sobrepõem às relações culturais é a do cerrado, território do agronegócio com 70% da área das chapadas ocupadas com cultivos de grãos, algodão ou eucaliptos e pinus. (GONÇALVES, 2006)

José Graziano da Silva (1996), por sua vez, destaca a presença de uma outra ruralidade, não mais calcada na produção, mas na busca incessante dos homens por uma qualidade de vida que se perdeu na turbulência da vida nas cidades. O rural passa a ser buscado como ambiente para o lazer e para a fuga dos problemas da vida urbana fazendo com que cresçam os investimentos em condomínios horizontais, chácaras, hotéis-fazenda, spas e coisas do gênero.

O espaço rural se vê então, gradativamente, interpenetrado por este novo personagem, o neorural, constituído por profissionais liberais, aposentados, amantes da natureza, todos eles ex-habitantes da cidade que buscam no campo tranquilidade e paz, mas todos eles com suas referências urbanas e ligados ao mundo global.

São ruralidades que começam a se fazer presente no espaço rural brasileiro, ainda marcado pela presença forte de seus velhos atores: os ruralistas, os latifundiários, os produtores familiares, os camponeses com ou sem terra. O rural forte, tradicional se viu envolvido pelas novas tecnologias, pelo estreitamento da relação campo-cidade.

Mas, como exemplo dessa nova realidade trago algumas imagens do Vale dos Vinhedos em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul onde se evidencia na paisagem a presença crescente do urbano num espaço caracterizado pela colonização italiana, com seus vinhedos, seu vinho, suas festas, sua cultura.

Para concluir ficam algumas questões para uma reflexão profunda:

- Qual será o futuro do rural no Vale dos Vinhedos?
- Como a política pública poderá intervir e impedir esta tipo de mudança que leva a cidade para o Vale?
- Qual é o papel do vinho e do enoturismo nestas mudanças?
- Será que a cultura e a forte identidade italiana com o território serão elementos de resistência a estas mudanças?

VALE DOS VINHEDOS

O VINHEDO



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

A PAISAGEM



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

A TRADIÇÃO



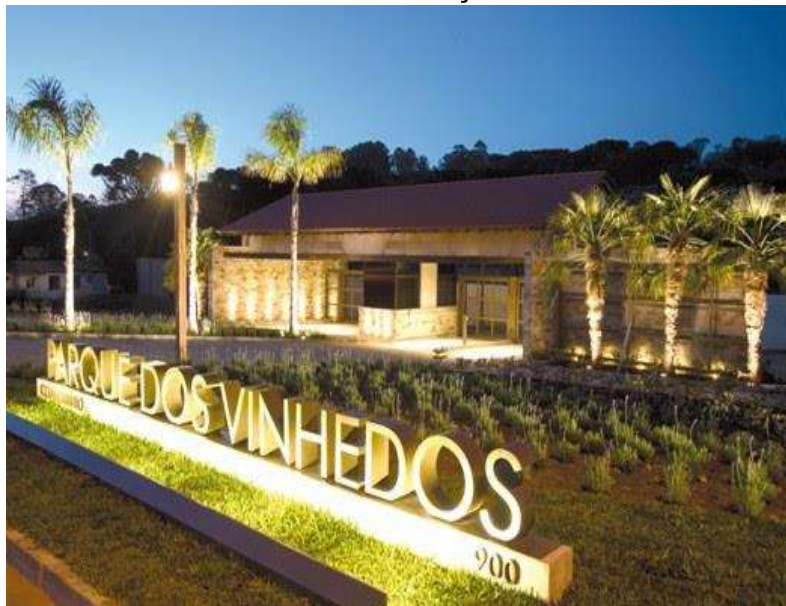
Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

O TURISTA



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

AS MUDANÇAS



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.



Fonte: Booking, 2020.

A RESISTÊNCIA



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

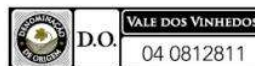


Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

A CONQUISTA: INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM



Identificação impressa no rótulo frontal
Identification printed on the front label



Identificação de controle impressa no contrarótulo
Control identification printed on the back label

Referencias

BOOKING.COM. Hotel & Spa do Vinho. Disponível em: <<https://www.booking.com/hotel/br/hotelspavinho.pt-br.html>>. Acesso em: out. 2020.

CHONCHOL, J. Systèmes agraires em Amérique latine. Des agriculteurs préhispaniques à la modernisation conservatrice. Paris IHEAL. 1995.

KAYSER, B. La Renaissance rurale. Sociologie des campagnes du monde occidental, Paris, Armand Colin. 1989.

GONÇALVES, C.W.P. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006.

GUIBERT, M; JEAN, Y. (Orgs.). Dynamiques des espaces ruraux dans le monde. Armand Colin, Paris. 2011.

SILVA, J. G. da. A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira. Campinas, UNICAMP/IE. 1996.

MEDEIROS, R. M. V. Que “novo” rural é esse no Brasil? Palestra proferida na mesa redonda “Dilemas da conceitualização do campo e do rural no Brasil” no Simpósio Urbano-Rural - USP, São Paulo. 2006.

MEDEIROS, R. M. V. Dilemas na conceitualização do campo e do rural no Brasil. In. SAQUET, M. A.; SUZUKI, J. C.; MARAFON, G. J. (Org.). Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas. São Paulo: Outras Expressões, v. 1, 2011, p. 59-66.

VALE DOS VINHEDOS. Aberta a Temporada para DOVV 2015. 2015. Disponível em: <<https://valedosvinhedos.wordpress.com/tag/indicacao-geografica-valedos-vinhedos/>>. Acesso em: out. 2020.